

EDITORIAL

HISTÓRIA ANTIGA EM MOVIMENTO – 30 ANOS DO LHIA

Seja em termos de criação ou de sua renovação, a História está em constante movimento. Buscando uma abordagem dinâmica e interdisciplinar que destaque a relevância contínua da Antiguidade para os dias atuais, o dossiê *História Antiga em movimento – 30 anos do LHIA* tem, portanto, a dupla função de fazer um balanço das contribuições historiográficas dos últimos 30 anos que marcaram o Laboratório de História Antiga (LHIA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), bem como fomentar as próximas pautas e discussões necessárias para a atualização do campo. Se há três décadas o Laboratório de História Antiga da UFRJ tem sido um local vibrante, de *philia* e vanguarda nos estudos da Antiguidade, esperamos que o presente dossiê possa celebrar os esforços coletivos do trabalho de antiquistas no país e a árdua consolidação de um campo de pesquisas sobre a Antiguidade que desafie noções convencionais e nos permita compreender melhor como o passado continua, em constante movimento, a moldar nosso presente.

Os artigos propõem cumprir os objetivos destacados. Os dois primeiros textos abordam o mundo grego antigo. Marta Mega de Andrade objetiva verificar, por meio da comparação, semelhanças e diferenças na remissão à tradição clássica, sugerindo hipóteses explicativas para pesquisas futuras, particularmente no que tange à abordagem da relação das mulheres e do feminino com o campo político. Já María Cecilia Colombani analisa como as *Leis* de Platão constituem um texto emblemático no marco da preocupação antropológico-política do filósofo em torno da constituição do governante.

Na sequência, o artigo de Victoria Arroyo e Vagner C. Porto almeja, a partir das diversas evidências de fortes conexões comerciais com o Antigo Egito, analisar a influência dessa cultura na vida da cidade antiga de Tel Dor.

Os dois próximos artigos tratam do Egito Romano. Márcia Vasques, estudando as variações de formato e estilo das máscaras mortuárias, defende a hipótese de que a divisão territorial do Egito e as possibilidades de conectividade com a área do Mediterrâneo (e outras áreas marítimas), juntamente ao fenômeno da urbanização, que ocorreu no Egito no período de domínio romano, propiciaram a

propagação de motivos iconográficos greco-romanos que, no caso das máscaras, foram incorporados aos elementos materiais do âmbito funerário. Esses motivos iconográficos espelhariam, de certa forma, o modo de vida urbanizado da época imperial romana em território egípcio, ainda que adaptado à cultura local. Investigar as associações profissionais e religiosas durante o Egito Romano é a proposta do texto de Beatriz Moreira. Por meio da análise das interações sociais, do simbolismo visual presente nas estelas e, ainda, do estudo das associações profissionais e religiosas, a autora pretende compreender o funcionamento dessas corporações como espaços de preservação identitária de agentes e grupos.

Gilvan Ventura da Silva problematiza a trajetória de Elizabeth Clark (1938-2021), historiadora norte-americana que se notabilizou como uma das primeiras especialistas a focar a atuação das mulheres no cristianismo antigo, em especial na fase final do Império Romano, quando as cristãs despontam como notáveis ascetas e patronas de igrejas e mosteiros, contribuindo assim para o processo de cristianização, então em curso.

Finalizando o dossiê, temos os artigos de Sarah Fernandez L. de Azevedo e de Lotita Guimarães Guerra. O texto de Sarah Azevedo discute as representações e as referências às sibilas, mulheres que se dedicavam ao ofício da adivinhação na Antiguidade, em obras da literatura contemporânea e do cinema; enfocando a correlação entre a adivinhação, o feminino e a escrita. A partir do controle da natureza pela domesticação animal e vegetal, alguns autores propuseram que a agricultura teria sido inventada por mulheres como consequência de uma divisão sexual do trabalho entre coletoras e caçadores. Assim sendo, Lolita Guerra busca identificar a presença de tal teoria e seus pressupostos nos livros didáticos de História, traçando sua genealogia, referências e deficiências, e apontando possíveis interpretações sobre seus sentidos.

Encerrando o presente número, temos o artigo livre de José Petrúcio de Farias Júnior, que objetiva compreender percepções sobre o cristianismo ortodoxo, a partir de Sinésio de Cirene, por meio da Carta 105, escrita em 410 e endereçada a seu irmão Evóptio, na qual expõe o contraste entre suas ideias filosóficas e sua responsabilidade como dignitário eclesiástico.

À Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) um agradecimento especial pelo apoio ao presente número da revista.

A todas/os, boa leitura!

Beatriz Moreira da Costa